



Construindo a imagem da “verdadeira mulher” nas cenas de *Deu a Louca na Branca*

Aline Marielle Silva, Cláudia de Jesus Maia

Introdução

Nosso interesse neste estudo foi problematizar as representações femininas construídas pelo filme de animação *Deu a Louca na Branca de Neve* que (re)produzem um ideal feminino e de feminilidade.

Os meios de comunicação tem sido veículo essencial na propagação de estereótipos, atuando na constituição das identidades de gênero. Tendo isto em vista, filmes de animação, veiculados no cinema e também na televisão, além da função de entreter seu público, atuam como “tecnologias de gênero” que conduzem os sujeitos a se posicionarem frente aos aspectos sociais representados [1]. Em vista disso, o conceito de representação social nos ajuda a pensar a fonte em análise, uma vez que é utilizado no sentido designado por Denise Jodelet [2], como forma de conhecimento que contribui para a construção da realidade ao conjunto social, ou seja, as representações guiam as pessoas na forma de interpretar e posicionar-se frente aos aspectos da realidade diária. Nesse sentido, produtos veiculados em meios de comunicação, como o filme de animação, são locais possíveis de percebermos estas representações sociais.

Percebemos que as produções infantojuvenis têm corroborando com padronizações de estereótipos femininos e com a ordem do consumo contemporâneo ao trazerem discursos sobre gênero em seus enredos, isso provoca um processo de subjetivação no público infantojuvenil que incorpora tais ideias e ideais. Tendo isto em vista, procuramos entender como características como feminilidade, vaidade, futilidade e consumismo se somam na construção de uma imagem feminina padronizada e idealizada, formando a imagem da “verdadeira mulher”?

Material e métodos

Elegemos como *corpus* documental para este estudo o filme de animação *Deu a Louca na Branca de Neve*. Lançado em 2009 pelo estúdio *Berlin Animation Filmes*, a narrativa é uma versão adaptada para a comédia do clássico *Branca de Neve e os Sete Anões* da década de 1930, produzido pelos estúdios *Disney*.

Apesar de as produções cinematográficas serem produtos ficcionais, elas também são fontes legítimas para a história, pois veiculam representações do real que agem no imaginário do público. Com isso, (re)produzem para as pessoas valores, símbolos, comportamentos, além de aspectos culturais de determinada sociedade a que está sendo retratada e a que o produto está inserido. Assim, Marcos Napolitano aponta que as fontes audiovisuais são sempre representações carregadas de motivações ideológicas dos seus realizadores, como também de outras representações e imaginários que traduzem valores e problemas coetâneos à sua produção [3]. Com isso o autor justifica a utilização deste tipo de fonte como documento histórico de uma época, pois mesmo ficção, o filme é representação.

Contudo, para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos como fundamentos teórico-metodológicos os conceitos de Representação Social e de Gênero, além de nos ampararmos em aspectos da Análise do Discurso, entrelaçando-os com a historiografia sobre as mulheres e a mídia, a fim de identificar, compreender e problematizar as representações de gênero na fonte em análise.

Resultados e Discussão

Protagonizado por Branca de Neve, uma adolescente preocupada com a aparência, em se divertir com os amigos e em ser popular, o filme nos apresenta temáticas recorrentes na atualidade, principalmente referentes ao público feminino adolescente, tais como beleza, vaidade, feminilidade, futilidade, consumo, amizade, popularidade, diversão, família e paquera. Tendo isto em vista, vemos características atribuídas ao sexo feminino serem ressignificadas e/ou reiteradas na produção e com isso, atuam na constituição de um ideal feminino contemporâneo.

Atualmente vaidade, futilidade e consumo passaram a fazer parte das características canonizadas como femininas e tem produzido sentidos através de sua representação nos discursos. Na fonte em questão, essa matriz discursiva é reproduzida através do comportamento da protagonista. Logo no início da narrativa, a feminilidade de Branca de Neve é expressa por uma vaidade exacerbada que desemboca em um comportamento pautado na futilidade e no consumo.

Notamos que atrelada à preocupação estética temos a questão do consumo. Tendo em vista a sociedade



contemporânea ocidental a qual reina absoluto o sistema capitalista, temas como vaidade, futilidade e consumo se somam em prol de um discurso que instiga as mulheres a consumir cada vez mais bens industrializados. Vistas como público consumidor em potencial, o público feminino tem sido bombardeado com discursos que incitam comportamentos e modos de ser e que buscam convencê-las a se enquadrar ao modelo hegemônico de beleza e a se render ao objetivo do sistema capitalista.

Estas características destacadas pela produção, ou seja, vaidade/futilidade/consumo atuam em prol da idealização de um tipo de beleza. Além disso, as representações femininas veiculadas na fonte, assim como outros produtos midiáticos, tem o papel de ser “[...] local de produção e interiorização de discursos e de identidades do feminino”, conforme salienta Silvana Ribeiro [4]. Isso também nos remete as “tecnologias de gênero” formuladas pela teórica feminista Teresa de Lauretis[5] que percebe na mídia, cinema, televisão, música, etc., nos discursos institucionalizados e não institucionalizados, nas práticas cotidianas, lugares de construção dos gêneros, através das representações baseadas nas normas sociais. Deste modo, as imagens (re)produzidas sobre os gêneros constroem o *locus* ideal do feminino e de feminilidade do período contemporâneo, agregando as novas características pregadas pelo sistema capitalista.

No entanto, no desenrolar da narrativa percebemos que estas primeiras características vão sendo ao longo das cenas desvalorizadas em prol de outras características, como bondade e altruísmo, que são historicamente atribuídas e apreciadas nas mulheres. Assim, bondade, docilidade, cuidar dos outros, viver em função do outro, para citar apenas alguns, são atributos canonizados como essencialmente femininos e são retomados no discurso em análise como valores que devem ser exaltados e que devem ser seguido pelas mulheres, mesmo com mudanças significativas em relação ao feminino. Nesse sentido, a figura da mãe de Branca de Neve, a Rainha Graça, lembrada pelo pai como exemplo de comportamento feminino dado a filha, vai ter papel importante na construção social de ideal feminino na narrativa.

A figura da mãe produz sentido ao idealizar a imagem da “verdadeira mulher”, atuando na constituição do ideal de feminilidade. Bondade e a beleza principalmente ganham destaque nas cenas com a rainha, como características marcantes e importantes na manutenção do bem e da harmonia do local em que vivem. A rainha representa o ideal perfeito de mulher: mãe, esposa, bondosa, caridosa, bonita, que ajuda os outros, ou seja, ela materializa o ideal feminino.

A imagem da “verdadeira mulher” vai sendo construída baseada no sistema sexo/gênero, conforme proposta de Tânia Navarro Swain [6], o qual naturaliza funções como a de ser mãe e determina funções sociais ao corpo sexuado feminino. Acrescentamos ainda a função materna, características como ser jovem, bonita e bondosa, que cristalizam um tipo homogêneo de mulher e de feminilidade e que submetem as mulheres modos de ser e de se comportar.

Com o avançar da narrativa já caminhando para o desfecho da história, ocorre uma remissão da jovem princesa, que agora se dedica em ajudar outras pessoas e que entendeu que beleza é essencial, mas que só se consegue atingi-la totalmente praticando a bondade e caridade.

Considerações finais

Branca de Neve no início da narrativa é uma adolescente fútil que só pensa em beleza e diversão, contudo ela se redime quando renuncia a tudo isso para viver em função dos outros, ou seja, para, como a mãe, ajudar os outros. Percebemos que há a reprodução da construção social sobre o feminino a qual predominam aspectos como bondade, altruísmo e maternidade.

Contudo, inferimos que o sentido atribuído ao altruísmo se opõe ao egoísmo e ao individualismo, conforme aponta Cláudia Maia [7]. Branca de Neve apesar de possuir características que a constitui como garota vaidosa, fútil e consumista, que pensa em se divertir, ser popular, etc., aspectos individualistas, se vê sujeitada a construção social sobre o ideal feminino no qual prevalece e valoriza matrizes discursivas tradicionais da “verdadeira mulher”. Assim, o sexo da mulher, reprodutor, receptor e passivo, não existe senão para responder aos desejos, às necessidades do masculino individual e coletivo [8].

Com isso podemos observar no decorrer da narrativa que a construção do ideal da “verdadeira mulher” pauta-se em aspectos atribuídos as mulheres no período contemporâneo, como a busca incessante pela beleza e também em antigas matrizes discursivas já historicamente sedimentadas como pertencentes ao sexo feminino, como bondade, caridade e a prática do altruísmo. Isso nos revela que o discurso presente no filme corrobora com os objetivos do sistema capitalista, pois ao buscarmos pela beleza as mulheres se vêm sujeitadas a prática do consumo. Além disso, a reiteração desta e das outras características pregadas como ideal revelam a utilização pelo poder de mecanismos para o assujeitamento feminino a normas regulatórias.



FÓRUM ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO
FEPEG
UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:
Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:
FAPEMIG
FADENOR

24 a 27 setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Referências

- [1] LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro; Rocco, 1994, p. 206-242.
- [2] JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: _____(org.). *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 17-44.
- [3] NAPOLITANO, Marcos. **A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de Amistad e Danton**. In.: CAPELATO, Maria Helena (ET.al.) *História e Cinema*. SP: Alameda, 2007.
- [4] RIBEIRO, Silvana Ferreira Silva. **Retratos de Mulher: construções sociais e representações visuais do feminino**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura e dos Estilos de Vida) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- [5] LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro; Rocco, 1994, p. 206-242.
- [6] SWAIN, Tânia Navarro (Org.). **A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário**. Textos de História. Dossiê Feminismos, teorias e perspectivas. Brasília, Edunb/PPGHIS, v.8, n.1-2, 2000.
- [7] MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011. 320p.
- [8] SWAIN, Tânia Navarro (Org.). **A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário**. Textos de História. Dossiê Feminismos, teorias e perspectivas. Brasília, Edunb/PPGHIS, v.8, n.1-2, 2000.